



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

FRANCISCO DIASSIS GONÇALVES VIANA LEITE

A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR: UMA PROPOSTA DE
FORMAÇÃO LEITORA PARA O 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

CAJAZEIRAS - PB

2022

FRANCISCO DIASSIS GONÇALVES VIANA LEITE

***A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR: UMA PROPOSTA DE
FORMAÇÃO LEITORA PARA O 3º ANO DO ENSINO MÉDIO***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

L533h	<p>Leite, Francisco Diassis Gonçalves Viana A hora da estrela de Clarice Lispector: uma proposta de formação leitora para o 3º ano do ensino médio / Francisco Diassis Gonçalves Viana Leite. - Cajazeiras, 2022. 55f. Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva. Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2022.</p> <p>1. Análise literária. 2. A hora da estrela. 3. Lispector, Clarice. 4. Letramento literário. 5. Ensino de literatura. 6. Ensino médio-literatura. 7. Formação de leitor. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS</p>	CDU – 82.09
-------	--	-------------

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

FRANCISCO DIASSIS GONÇALVES VIANA LEITE

**A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR: UMA PROPOSTA DE
FORMAÇÃO LEITORA PARA O 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 26/08/2022

Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 1)



Prof. Me. Rafael Francisco Braz
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

A minha mãe, razão da minha existência;

Ao meu pai, meu grande herói;

*A minha avó, minha grande inspiração
sertaneja.*

PARA SEMPRE, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Auzenir Gonçalves, ao meu Pai Francisco Duarte, à minha avó Luiza Maria, à minha tia Vilanir Gonçalves, por me educarem para a vida. Vocês são a razão da minha existência!

. Ao professor Esp. Abdoral Inácio da Silva, pela imensa paciência, disponibilidade e humildade que teve em aceitar orientar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). E por todos os conhecimentos que me ajudou a construir durante as aulas, nas disciplinas de Latim e História da Língua Portuguesa.

À professora Dra. Erlane Feitosa Aguiar, pelas suas relevantes motivações e dedicação quando, enquanto alunos concluintes, mais precisamos. Sempre disposta a sanar as dúvidas.

À professora Dra. Telma Cristina Gomes da Silva, pelos relevantes ensinamentos que ajudaram na construção do projeto de pesquisa para esse trabalho. Ensinamentos teóricos, mas também humanizadores.

Aos professores da banca examinadora: Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais, Me. Rafael Francisco Braz e Dr. José Wanderley Alves de Sousa. Fico imensamente grato por terem aceitado o convite para fazerem parte desse momento.

Aos queridos amigos Karina, Vanessa, Jayline, Christian, Gicélio, Pâmela, Diones, Ronaldo, Daniely pela amizade, companheirismo, e por tudo.

À turma de Letras-Língua Portuguesa pelo convívio harmonioso que tivemos.

A todos os professores da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) por todo o conhecimento teórico e humano construído ao longo do curso. Só tenho a agradecer!

“Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.”

(LISPECTOR, 1998, p. 11).

RESUMO

O ensino de Literatura no Brasil é pautado por um modelo historicista, no qual o texto literário é preconcebido como apenas um resultado de fatos históricos, carente das influências sociais e culturais. Diante dessa constatação, o presente trabalho possui como finalidade analisar a obra *A hora da estrela* (1998), de Clarice Lispector, pela perspectiva sociocultural e, no bojo dessas discussões, sugerir uma proposta de letramento literário para o terceiro ano do Ensino Médio à luz da sequência básica de Cosson (2021). Diante disso, elencamos como objetivo geral: Contribuir para a formação do leitor com uma intervenção que propõe a leitura de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, destacando aspectos estéticos e socioculturais. Como objetivos específicos almejamos: Refletir sobre a abordagem do ensino de Literatura, com ênfase na BNCC; descrever aspectos literários e socioculturais da obra *A hora da estrela*, observando características da escrita de Clarice Lispector em relação à prosa modernista; elaborar uma Sequência Didática para o trabalho com o leitor literário. Foram utilizados para esta pesquisa autores como Candido (1970, 2006, 2011), Bosi (2015), Nunes (1989), Borges (2014), Todorov (2009), a BNCC (2018), Cosson (2021), dentre outros autores relevantes. A pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é de cunho bibliográfica, exploratório-descritiva, de teor qualitativa, de natureza aplicada, conforme Gil (2002). Como resultados desta pesquisa, elaboramos uma proposta de formação leitora para o terceiro ano do Ensino Médio, por meio da obra literária *A hora da estrela*, que engloba elementos estéticos literários, sociais, culturais, históricos e filosóficos. Com isso, demonstramos que o ensino de literatura pode e deve ser inclusivo e diverso.

Palavras-chave: A hora da estrela. Clarice Lispector. Letramento literário. Ensino Médio.

ABSTRACT

The teaching of Literature in Brazil is guided by a historicist model, in which the literary text is preconceived only as a result of historical facts, lacking social and cultural influences. Given this finding, the present work aims to analyze *A hora da Estrela* (1998), by Clarice Lispector, from a sociocultural perspective and, in the midst of these discussions, to suggest a proposal for literary literacy for the third year of high school. in light of Cosson's basic sequence (2021). Therefore, we list as general objective: Contribute to the formation of the reader with an intervention that proposes the reading of *A hora da Estrela*, by Clarice Lispector, highlighting aesthetic and sociocultural aspects. As specific objectives we aim to: Reflect on the approach to teaching Literature, with emphasis on the BNCC; describe literary and sociocultural aspects of the work *A hora da Estrela*, observing characteristics of Clarice Lispector's writing in relation to modernist prose; to elaborate a Didactic Sequence to work with the literary reader. Authors such as Candido (1970, 2006, 2011), Bosi (2015), Nunes (1989), Borges (2014), Todorov (2009), BNCC (2018), Cosson (2021), among other authors were used for this research. relevant. The research of this Course Completion Work (TCC) is bibliographical, exploratory-descriptive, with qualitative content, of an applied nature, according to Gil (2002). As a result of this research, we developed a proposal for training in reading for the third year of high school, through the literary work *A hora da Estrela*, which encompasses literary, social, cultural, historical and philosophical aesthetic elements. With this, we demonstrate that the teaching of literature can and should be inclusive and diverse.

Keywords: A hora da estrela. Clarice Lispector. Literary literacy. High school.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CFP - Centro de Formação de Professores
- PB - Paraíba
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O MODERNISMO NO BRASIL, CLARICE LISPECTOR E A <i>HORA DA ESTRELA</i>	14
2.1 O MODERNISMO NO BRASIL	14
2.2 A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR.....	18
2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A <i>HORA DA ESTRELA</i>	23
3 POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	33
3.1 LITERATURA E ENSINO	33
3.2 A BNCC E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	36
4 PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

Como importante figura dentro do modernismo brasileiro, Clarice Lispector traz em suas obras questionamentos que vão além do que era esperado para a sua época. Notamos, sobretudo no seu principal romance, *A hora da estrela*, o fato de a escritora levar a sua prosa intimista, característica dos escritores modernistas, para a seara da crítica social, que, por meio dessa prosa menos contundente, consegue criticar situações sociais nas entrelinhas dos discursos de alguns personagens.

Um dos grandes problemas da atualidade na formação do leitor literário é ainda o ensino de Literatura com base nas premissas de escolas literárias somente. Desse modo, um historicismo carente de aprofundamento na questão humanizadora e social. Com isso, nos perguntamos: Como a leitura da obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, pode contribuir para a formação do leitor de literatura?

Diante dessas constatações, traçamos os seguintes objetivos: Objetivo geral: Contribuir para a formação do leitor com uma intervenção que propõe a leitura de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, destacando aspectos estéticos e socioculturais. Elencamos como objetivos específicos: 1 - Refletir sobre a abordagem do ensino de Literatura, com ênfase na BNCC; 2 – Descrever aspectos literários e socioculturais da obra *A hora da estrela*, observando características da escrita de Clarice Lispector em relação à prosa modernista; 3 - Elaborar uma Sequência Didática para o trabalho com a leitor literário.

A escolha da obra *A hora da estrela* deu-se basicamente por seu papel social, visto que é um dos romances mais conhecidos da autora e que usa da prosa intimista para reflexões existenciais e também sobre a sociedade, o mundo em que vivemos. Além disso, durante os estágios de regência da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado IV do curso de Letras-Língua Portuguesa, do CFP-UFMG - *Campus* Cajazeiras, no qual pude trabalhar aspectos temáticos de obras literárias no terceiro ano do Ensino Médio, deu-me, assim, um impulso a ideia de propor uma proposta com base em uma obra tão importante dentro da Literatura nacional.

Para a elaboração da presente pesquisa, utilizamos autores como Lispector (1998), Candido (1970, 2006, 2011), Bosi (2015), Coutinho (2004) Nunes (1989), Todorov (2009), Borges (2014), Cortês (2017), dentre outros autores relevantes, no que concerne à Literatura no seu sentido amplo, e também como objeto de estudo a obra *A hora da estrela*. Na área da educação, destacamos as discussões de autores que trabalham a formação literária do leitor e enaltece o Letramento literário com uma proposta em que pretendemos contribuir com o

ensino da Literatura em sala de aula. Com isso, ancoramo-nos na a BNCC (BRASIL, 2018), Cosson (2021), Fontes (2018), Souza (2021), dentre outros.

Quanto à metodologia, este trabalho é bibliográfico, possui caráter qualitativo, ancorado nas premissas de Gil (2002) pertence à categoria de pesquisa de caráter exploratório-descritiva, de natureza aplicada. No que concerne à proposta de Letramento literário, está ancorada nas premissas de Cosson (2021).

Para a realização desta pesquisa, algumas etapas foram necessárias para se ter uma melhor nitidez do tema pesquisado, as quais foram, em ordem de atividades desenvolvidas.

A primeira etapa, uma leitura analítica do objeto em análise a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, com base nessa leitura foi possível ter uma visão mais clara dos elementos linguísticos, sociais e históricos a serem estudados e delimitar melhor a nossa proposta de Letramento literário com base na obra.

Uma segunda etapa foi a busca bibliográfica por livros, e também trabalhos acadêmicos em sites de domínio público, que dissertam sobre a literatura em geral, universal. Com base nessa pesquisa foi possível se ter uma visão mais nítida sobre elementos presentes em diversas obras literárias do cânone universal e da tradição literária brasileira.

Em uma terceira etapa, buscamos também em *sites* de domínio público trabalhos científicos (teses, artigos e dissertações) com o tema de estudo sobre a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector e sua prosa modernista. É importante destacar que essa terceira etapa foi subdividida em duas vertentes distintas: 1 - Em um primeiro momento, pesquisamos obras que dissertam sobre a questão literária em si de Lispector, seu estilo literário de prosa intimista, sua inserção na escola literária modernista e sua importância para a formação da literatura nacional; 2 - Um segundo momento dessa etapa da pesquisa bibliográfica foi dedicada a busca de trabalhos que discutem e refletem a questão social no romance em análise; 3 – Um terceiro momento foi dedicado para analisar a obra na perspectiva do Letramento literário, conforme Cosson (2021), desse modo foi possível adaptar a proposta do autor aos objetivos da nossa proposta de sequência didática.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo deste trabalho, a *Introdução*, ressaltamos a importância dos estudos literários, tendo como base a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, expomos a problemática da nossa pesquisa, os objetivos geral e específicos, a justificativa, a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, e por último, fizemos um resumo dos capítulos deste trabalho.

No segundo capítulo, *O modernismo no Brasil, Clarice Lispector e A hora da estrela*, discutimos sobre o modernismo no Brasil, a importância dessa escola literária para a literatura

nacional, assim como a escrita de Clarice Lispector, seu estilo intimista, a sua inserção no movimento modernista. Além disso, tecemos considerações acerca da obra *A hora da estrela*, elencando temáticas importantes dentro da narrativa.

No terceiro capítulo, *Possibilidades para a formação do leitor literário*, discutimos aspectos relacionados à Literatura, como ela é vista na sociedade como disciplina curricular e como arte de fruição. Além disso, conforme a BNCC, tecemos considerações acerca das preconizações do documento acerca do Ensino de Literatura no Ensino Médio.

No quarto capítulo, *Proposta de Letramento Literário*, apresentamos uma proposta, ancorada nas premissas de Cosson (2021) de Letramento literário tendo como objeto de ensino-aprendizagem *A hora da estrela*, levando-se em conta o caráter sociocultural da obra.

Nas *Considerações finais*, expomos as nossas considerações acerca do que discutimos durante o trabalho, assim como demonstramos a nossa expectativa para que novos trabalhos sejam realizados para ampliar o repertório de estudos literários sobre Clarice Lispector.

2 O MODERNISMO NO BRASIL, CLARICE LISPECTOR E *A HORA DA ESTRELA*

Neste capítulo discutiremos os aspectos relevantes em relação ao Modernismo no Brasil, suas principais características, e a influência que o movimento literário teve nos escritos dos autores modernistas, em particular nas obras de Clarice Lispector. Além disso, trataremos considerações acerca da escrita da autora e da obra *A hora da estrela*.

2.1 O MODERNISMO NO BRASIL

O modernismo brasileiro seguiu, a despeito de ter-se iniciado na Europa, parâmetros nacionais, embora tenha-se buscado inserir elementos da cultura brasileira. Por conseguinte, houve uma hibridização dos aspectos estéticos vindos da Europa com os elementos da cultura nacional. Para Bosi (2015), o modernismo brasileiro teve como ponto de partida a Semana de Arte Moderna, realizada no ano de 1922. O autor assim descreve a importância desse evento para a nascente escola literária brasileira “mas, de qualquer forma, havia sido realizada a Semana da Arte Moderna, que renovava a mentalidade nacional, pugnava pela autonomia artística e literária brasileira e descortinava para nós o século XX, punha o Brasil na atualidade do mundo [...]” (BOSI, 2015, p. 339). Dessa forma, percebemos a importância desse evento para o modernismo brasileiro, de todas as fases e como essa visão de mundo modernista influenciou as produções posteriores de muitos autores.

Com relação aos meios que os artistas modernistas usavam para a divulgação das suas ideias, dos novos arranjos literários nascidos com o novo movimento literário modernista, e das formas pelas quais os precursores do modernismo brasileiro utilizaram para a popularização, no campo da literatura, dos ideais da nova escola literária. Ainda nessa perspectiva, Bosi (2015) explica que “paralelamente às obras e nascendo com o desejo de explicá-las e justificá-las, os modernistas fundavam revistas e lançavam manifestos que iam delimitando os subgrupos, de início apenas estéticos, mas logo portadores de matizes ideológicos mais ou menos precisos.” (BOSI, 2015, p. 340).

Os primeiros escritores modernistas, no Brasil, conforme Bosi (2015), embora buscassem se distanciar da influência estrangeira e das escolas literárias anteriores, como o parnasianismo, continuaram a utilizar-se de referências estrangeiras, tal como as vanguardas artísticas europeias. Notamos que, por mais que esses escritores tentassem criar uma estética nova e que valorizasse a cultura nacional, formular um projeto estético de criação literária que

fosse genuinamente brasileiro, ainda assim apoiaram-se nas tradições literárias europeias. Diante disso, percebemos que, no campo cultural, atingiram o objetivo de valorização nacional, porém com a ajuda das tendências do modernismo europeu. Por isso o autor enfatiza que:

De qualquer modo, pela análise dos textos publicados em Klaxon e das páginas mais representativas da fase inicial do Modernismo, depreende-se que foram os experimentos formais do futurismo, não só italiano, mas e sobretudo francês (Apollinaire, Cendrars, Max Jacob) que mais vigorosamente dirigiram a mão dos nossos poetas no momento da invenção artística. Do surrealismo tomaram uma concepção irracionalista da existência que confundiram cedo com o sentido geral da obra freudiana que não tiveram tempo de compreender. Do expressionismo, processos gerais de deformação da natureza e do homem (BOSI, 2015, p. 341).

Acerca dos modernistas, o autor ressalta que, por estarem ainda extremamente restritos ao contexto de produção literária, cujo modelo ainda é europeu, esses escritores não possuíam à época, na sua ótica, a capacidade de ir para além do contexto literário em si, de compreender o que acontecia no cenário brasileiro e no ocidente em geral, no que concerne a outras esferas do conhecimento humano, como os contextos políticos, sociais e culturais. Ainda, nesse sentido

É curioso e instrutivo considerar, hoje, a inconsistência ideológica desses grupos modernistas que, ao que parece, dado o foco puramente literário em que se postavam, não tinham condições de entender por dentro os processos de base que então agitavam o mundo ocidental e, particularmente, o Brasil. [...] “Tudo resolviam em fórmulas abertamente irracionalistas” (BOSI, 2015, p. 343).

Como podemos perceber nessa citação, o autor critica o fato de que, para entender o contexto sociopolítico da época, e a condição do Brasil no panorama mundial, os primeiros modernistas tentavam, na visão do autor, explicar e espelhar os problemas nacionais por meio dos métodos literários da nascente vertente literária modernista, todavia, apartada da consciência social.

Em vista disso, o espelhamento de condições sociais típicas da sociedade brasileira não seria suficiente somente pelos meios formais da arte literária, mas, sobretudo, pelo conhecimento profundo da vida na sociedade brasileira, pois as produções literárias desses primeiros modernistas careciam de uma visão mais ampla do contexto sociocultural brasileiro, que perpassa, no caso, as normas estéticas do modernismo.

Ainda nessa perspectiva, Bosi (2015) ressalta que a problemática de que os modernistas se valiam ainda de elementos literários e culturais que, de alguma forma, advinham da

influência que a cultura europeia, estrangeira teve, no Brasil, no século passado até o início do modernismo brasileiro. Com isso, o crítico traz em conta à discussão um tema que se relaciona às questões políticas e culturais do Brasil da época, o eurocentrismo, tanto nas manifestações culturais como na forma que a sociedade ainda ecoava os ditames da colonização “[...] fragmentos do surrealismo francês ou dos mitos nacional-direitistas que o imperialismo europeu vinha repetindo desde os fins do século passado.” (BOSI, 2015, p. 343). Diante do que aponta o autor, o que se percebe é que, embora o Brasil já estivesse livre da colonização formalmente, ainda assim carregava resquícios culturais da época em que foi colônia.

Para Candido (2006) o modernismo no Brasil nasce, também, de uma tentativa de buscar chegar ao ponto desejado que vem da escola literária romântica, porém, como a sociedade mudou durante os séculos, mudou-se também os ideais, a forma como a sociedade está organizada e estruturada. Desse modo, os anseios advindos das escolas literárias anteriores já não tinham tanta importância no período dos primeiros modernistas, e os problemas na conjuntura sociopolítica e cultural do país, devido ao avanço de novas formas de explicar o mundo, como o nascimento de novas ciências e, sobretudo, da solidificação das ciências sociais, passam a ser temas recorrentes na obra literária. A literatura modernista, para o crítico literário supracitado, ficou restrita às pessoas de posse, a elite do país, dado o difícil acesso à cultura e, conseqüentemente, à literatura que as pessoas de menos posses tinham no período, e que persistem até os dias atuais.

Ao dissertar sobre os arranjos literários que os modernistas utilizaram, Bosi (2015) aponta que foram diversos e, além disso, foram inseridos em diferentes áreas das criações literárias desses autores. Desde a questões relacionadas à gramática, isto é, a forma como os modernistas utilizavam a língua escrita em si, até a questões mais superficiais, tais como a forma como o texto era impresso nas páginas “as inovações atingem os vários estratos da linguagem literária, desde os caracteres materiais da pontuação e do traçado gráfico do texto até as estruturas fônicas, léxicas e sintáticas do discurso.” (BOSI, 2015, p. 345).

Não obstante, o conteúdo era veiculado de uma forma diferente do que se conhecia pelas escolas literárias antecedentes, o que já em si preconizaria uma revolução na forma como a cultura estava posta no país, pois sabemos que de um movimento literário ou artístico em geral para outro acontecem rupturas com bases antes consolidadas, com visões de mundo que eram vigentes nas escolas literárias passadas. Além disso, a questão norte dos movimentos literários pode ou não mudar. Com relação a essas mudanças de paradigmas no campo artístico-literário, o que, de fato, parece ter havido foi uma “[...] impressão de algo novo em relação a toda a literatura anterior a 22 [...]” (BOSI, 2015, p. 345).

Candido (2006) ressalta que a escola literária modernista é uma busca bem-sucedida de equiparar as artes a um novo paradigma na sociedade, pois em um momento histórico de grandes mudanças em vários setores da sociedade brasileira, houve a necessidade de uma reinterpretação do mundo. No campo das ideias, das estruturas políticas, e do modo como o Brasil estava posicionado no contexto geopolítico, em um momento de grandes conflitos internacionais, como a segunda guerra entre nações.

Diante disso, percebemos a influência nítida que as artes recebem das questões humanas. Nesse caso, sobre o modernismo, Candido (2006) lembra que, também, nesse período do nascimento do modernismo no Brasil, coincide com o nascimento e consolidação das ciências humanas. A respeito disso, o crítico literário pontua que:

A força do Modernismo reside na largueza com que se propôs encarar a nova situação, facilitando o desenvolvimento até então embrionário da sociologia, da história social, da etnografia, do folclore, da teoria educacional, da teoria política. Não é preciso lembrar a sincronia dos acontecimentos literários, políticos, educacionais, artísticos, para sugerir o poderoso impacto que os anos de 1920-1935 representam na sociedade e na ideologia do passado (CANDIDO, 2006, p. 40).

Dessa forma, o modernismo, nessa perspectiva, foi um grande aliado das ciências humanas, pois como mencionado pelo autor, essas manifestações culturais que estão dentro das chamadas ciências humanas estão também presentes nas obras artísticas e literárias modernistas.

Segundo Coutinho (2004), O modernismo, no Brasil, seguiu dois períodos distintos, que foram períodos em que eram comuns nas artes literárias características diferentes entre si. Conforme o autor, no primeiro período da escola modernista brasileira foi mais frequente a criação de poesias. Já no segundo período foi mais comum, na visão do autor, as chamadas narrativas ficcionais.

O autor supracitado ressalta a existência de diferentes temáticas que foram trabalhadas pelos escritores modernistas que são elencadas em: os que buscaram centrar-se nas questões antropológicas, isto é, fatos da vida humana; e os escritores modernistas que se centraram mais em aspectos intimistas, isto é, trabalharam em suas obras questões relacionadas à temática espiritual, além das questões de ordem física. Embora, ressalte o autor, que esses escritores não necessariamente se desligaram das questões humanas, pois buscaram, segundo ele, relacionar as questões de teor mais espiritual com as do dia a dia.

Com relação a esses escritores mais intimistas, ao se referir a Clarice Lispector, Coutinho (2004) afirma que: “No caso de Clarice Lispector, é a tentativa de valorizar os produtos do sonho e da fantasia, na criação de uma atmosfera sem densidade real, mas de forte conteúdo emotivo e linguagem metafórica, fugindo assim para uma variedade de realismo mágico.” (COUTINHO, 2004, p. 277). Para o autor, as duas fases marcantes do modernismo brasileiro foram ímpares no desenvolvimento de uma literatura modernista nacional que, segundo o autor, deram uma identidade ao cenário literário brasileiro.

É importante entendermos que as nomenclaturas para determinado período histórico-literário não são unânimes entre os críticos literários, pois é perceptível que nem todos possuem a mesma visão sobre essa ou aquela escola literária e, sobretudo, suas origens. Dessa forma, entendemos que é importante e imprescindível a pluralidade de concepções acerca da história da literatura, suas teorias, movimentos literários e seus momentos históricos.

No próximo tópico, discutiremos sobre a escrita de Clarice Lispector, elencando as considerações de diferentes autores que se debruçaram sobre a obra da autora e com isso esperamos que isso nos ajude a aprofundar o conhecimento sobre como é o estilo literário da autora, assim como as principais temáticas encontradas em suas obras literárias.

2.2 A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR

A escrita de Clarice Lispector é singular dentro da Literatura brasileira, em geral, vista como de teor intimista. O crítico literário Candido (1970), ao ler pela primeira vez o primeiro romance da escritora, revela ter se surpreendido com a qualidade da escrita de Lispector, à época uma escritora ainda jovem em idade, mas também na seara literária em si “[...] tive verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim.” (CANDIDO, 1970, p. 127, grifo do autor). Diante disso, entendemos que o crítico literário não esperava encontrar uma obra de grande qualidade produzida por uma escritora iniciante, talvez por isso a surpresa ao se deparar com a qualidade das produções literárias da escritora.

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920, na cidade de Chechelnyk, onde foi batizada e recebeu o nome de Chaya Pinkhasivna Lispector, mas veio morar no Brasil ainda criança, onde recebeu o nome de Clarice Lispector. No Brasil, a escritora passou a sua infância no Nordeste, em Recife. Faleceu no Rio de Janeiro em 9 de dezembro de 1977, aos 56 anos (Moser, 2009).

Entre as obras da autora, destacam-se: *Perto do coração selvagem* (1943), *O Lustre* (1946), *A Cidade Sitiada* (1949), *Laços de Família* (1960), *A Maçã no Escuro* (1961), *A Legião Estrangeira* (1964), *A Paixão Segundo G. H* (1964), *A Mulher que Matou os Peixes* (1968), *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969), *Felicidade Clandestina* (1971), *Água Viva* (1973), *Via Crucis do Corpo* (1974), *Onde Estivestes de Noite?* (1974), *Visão do Esplendor* (1975) e *A hora da estrela* (1977).

Para Bosi (2015), a escrita de Clarice Lispector perpassa a sua já costumeira prosa intimista, entretanto aborda também a realidade objetiva, isto é, pela sua forte intensidade, algo, de certa forma, que impulsiona o intimismo para a realidade externa. Com isso, a sondagem interiorse depara com o mundo das objetividades, o mundo ao qual as personagens das suas obras tentam interpretar, a seu modo. Como ressalta o autor: “Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise.” (BOSI, 2015, p. 424).

Já Nunes (1989) ressalta que a subjetividade em Clarice Lispector está ligada ao relacionamento que as suas personagens têm com o mundo exterior a si mesmas, pois como são, em geral, personagens extremamente indagadoras de si mesmas, sentem-se em uma prisão social, com relação ao *status quo* da sociedade que as rodeia. Nesse sentido, ao buscar se distanciar desse mundo exterior e hostil dessas personagens acabam, por fim, a piorar a situação na qual estão inseridas, por isso

Envolve-se novamente o sistema contra o qual atentaram, e de que se acham apenas interiormente afastados pela transgressão que se efetivou. A vida subjetiva constitui, assim, no mundo de Clarice Lispector, uma possibilidade de transgressão sem sucesso do sistema das relações práticas, da totalidade da organização social, que se fecha em torno da personagem, perpetuando e agravando o seu estado de carência (NUNES, 1989, p. 153).

Para Candido (1970) essa maneira de escrever, o estilo literário da autora, pode ser compreendido como uma resposta a possíveis lacunas que podem ter sido deixadas pelos modernistas já consagradas à época. Desse modo, a prosa de Lispector se insere, até certo ponto, como uma nova forma de narrar, uma nova forma de exprimir os sentimentos interiores em palavras, em termos poéticos, pois ela “[...] colocou seriamente o problema do estilo e da expressão.” (CANDIDO, 1970, p. 128).

Em linha parecida de percepção dos escritos da autora, Nunes (1989) menciona o fato de que a temática do silenciamento faz parte do estilo da autora, pois ela busca formas de pensar fora da linguagem verbal. Além disso, se desvela aos leitores, explicando a sua ideia de si

mesma e de seu ofício como escritora de ficção. Dessa forma, o crítico literário evidencia que a escritora, para pôr no papel suas criações literárias, tem de se afastar do que entende por si mesma. Nesse viés, um silenciamento proposital, uma vez que “Comprometida com o ato de escrever [...] fingindo um modo de ser ou existir [...] demandará uma prévia meditação sem palavras e o esvaziamento do *eu*.” (NUNES, 1989, p. 165, grifo do autor).

Candido (1970) ao refletir sobre as intenções com que Clarice Lispector busca exprimir em seus textos, pontua que, na sua ótica, a autora perpetua a sua busca, nas narrativas, por chegar a um resultado satisfatório para as indagações das personagens. Dado que, em geral, as personagens nunca chegam aonde querem chegar, que seria a uma resposta ou explicação concreta para as constantes indagações sobre si mesmas, e sobre o mundo que as rodeia, dado que “[...] a realização é nitidamente inferior ao propósito [...]” (CANDIDO, 1970, p. 128).

Acerca da ideia de que as obras de Lispector podem ter sido influenciadas por outros escritores do exterior, Candido (1970) faz a ressalva que, se acaso tenha tido essas influências, ainda assim o estilo literário de Clarice é único, e de grande prestígio, dado a sua importância no cenário literário brasileiro. Com isso, o crítico externaliza a sua afeição ao estilo da escritora, tanto em termos estéticos, quanto em relação ao entrosamento entre as personagens e o narrador, que para ele “[...] dentro da nossa literatura, é *performance* da melhor qualidade.” (CANDIDO, 1970, p. 128, grifo do autor).

Em sintonia com essa ideia, ao refletirmos sobre as obras de Lispector e da dificuldade que se tem de rotular a escrita da autora, a estudiosa Gomes (2014) ressalta que a obra de Lispector é de difícil classificação, pois a autora não se ateve apenas a um gênero literário em seus escritos, e sim fez uma espécie de junção de vários gêneros. Diante disso, se torna exaustiva a tentativa de classificar suas obras.

No seu ensaio sobre a escritora, *No raiar de Clarice Lispector*, Candido (1970) disserta sobre o fato de que Clarice Lispector, assim como outros escritores de mesma linha de narrativa, busca sempre algo que está além do dia a dia. Procura, portanto, desvendar psicológico e filosoficamente, através, principalmente, dos monólogos interiores das personagens sobre motivo para a existência, tanto deles quanto das coisas. Desse modo, conforme o autor, a escritora insere em suas narrativas esse anseio por desvendar o segredo por trás da existência das coisas. Talvez por isso seja popularmente chamada de escritora de prosa intimista, algo que ela busca se distanciar com seu último romance, *A hora da estrela*, publicado em 1977, pouco antes de sua morte.

Conforme Candido (1970) reflete sobre a temática comumente presentes nas obras da escritora, que é a questão da noção de si e do outro. A respeito disso o autor afirma que “o

romance de Clarice Lispector é um romance de relação” (CANDIDO, 1970, p. 130). Com isso, sugere que, no mundo das obras da escritora, só quem alcança algum sucesso nessa eterna descoberta de si mesmo, e do outro, é quem não mantém somente em si a sua visão, mas os que alargam essa visão aos outros. Diante disso, percebemos o quanto a escrita de Lispector é permeada por aspectos psicológicos, filosóficos, existencialistas, e de constantes indagações acerca do existir no mundo.

Borges (2014) ressalta uma vertente comumente não associada às produções de Lispector, que é a questão das mazelas sociais nitidamente presentes na sociedade brasileira. Essa estratificação social, segundo a pesquisadora, foi abordada pela escritora durante a vida de jornalista. Por meio dos espaços nos jornais, a escritora teria feito críticas a esses problemas que se perpetuam no país sem, contudo, deixar à parte seu estilo de narrar, a prosa intimista característica da escritora. Com isso, entendemos como não viável as críticas que se fazem a escritora devido a, em geral, não abordar problemas de ordem social de importância nacional em suas ficções. A respeito disso, a pesquisadora esclarece que:

O tema das diferenças de classe foi objeto de várias produções de Clarice Lispector, nas crônicas publicadas semanalmente no *Jornal do Brasil*, no período de agosto de 1967 a dezembro de 1973, postumamente reunidas em *A descoberta do mundo* (1984). No espaço normalmente reservado a reflexões amenas – como se tornou usual para a crônica jornalística especialmente após os anos 1960 –, Clarice expunha feridas sociais (BORGES, 2014, p. 18).

Com isso, o que percebemos é que o fator jornalístico pode ter influenciado na produção da principal obra literária de Clarice Lispector, *A hora da estrela* a respeito da questão de trabalhar aspectos sociais, com a personagem protagonista Macabéa representando uma classe social inferior, e por outro lado o próprio escritor-narrador Rodrigo S.M. representando a classe média burguesa. Nessa perspectiva, podemos considerar que sejam frutos das observações sobre a realidade social brasileira, enquanto a escritora trabalhava como jornalista.

Alencar (2020) também discorda da ideia de que a escrita de Lispector não seguia a linha de denúncia social, como outros autores modernistas faziam. Para a pesquisadora, se percebermos todos os escritos de Clarice Lispector, veremos que ao longo de diversas obras da autora foram trabalhados aspectos que fazem parte dos problemas enfrentados pelo Brasil. Além disso, com relação ao cenário político-social do país, a pesquisadora ao comentar sobre a participação de Clarice nos movimentos políticos, ressalta como Lispector era vista, em termos de participação política por outros de sua geração:

Apesar de manifestar-se publicamente contra a censura, Clarice não era considerada uma autora engajada por alguns artistas contemporâneos a ela, como o cartunista Henfil, que teceu críticas mordazes aos artistas que, segundo ele, não usavam sua obra para denunciar a realidade social que viviam (ALENCAR, 2020, p. 54).

Diante do exposto, o que percebemos é que Clarice Lispector é uma escritora com um estilo literário narrativo próprio e, de certa forma, recheado de críticas sociais, quase sempre nas entrelinhas. Críticas essas, presentes nas representações das personagens, na relação dessas com as outras personagens e com a sociedade na qual estão inseridas é que Lispector tornou-se um ícone literário que possui uma gama de críticas diferentes em relação a sua obra literária.

A pesquisadora Borges (2014) ressalta que, por meio de algumas narrativas de Clarice, observamos refletidos padrões típicos de uma sociedade estratificada socialmente e repleta de preconceitos, velados ou não. Ao se referir a uma personagem da obra *A paixão segundo G.H.*, a estudiosa afirma que “a insistência da empregada em não se reduzir ao lugar cultural e social pressuposto pela imagem que o outro tem dela [...]” (BORGES, 2014, p. 19). Com isso, percebemos que toda a escrita de Clarice parece ter um teor de representação dos problemas sociais enfrentados por pessoas no Brasil, mediante a sua condição social, inserção em estratos sociais, pertencimento cultural, origens em termos de região, dentre outras identidades que sofrem às claras, ou veladamente, um olhar de marginalização.

Outro ponto levantado pela pesquisadora Borges (2014) diz respeito de como essa mesma percepção acerca das concepções acerca dos outros sujeitos pertencentes a níveis socioeconômicos diferentes, com menor poder aquisitivo, pode ser entendida como um problema que se mantém ao longo dos anos, em um país que, sabemos, é ainda marcado por um passado não tão distante que insiste em se manter no *status quo* da estrutura social estratificada do país.

Diante disso, o que se percebe é uma nítida quebra de expectativa na narrativa de Clarice, outrora vista como distante dos acontecimentos socioculturais do país, e mergulhada, quase sempre, na introspecção dos personagens. Desse modo, o que vemos na obra *A Hora da Estrela* é justamente o contrário dessa ideia que se tem da prosa de Clarice. Ademais, ao longo da carreira de jornalista e escritora Clarice Lispector, foi comum o contato da escritora com as desigualdades socioeconômicas e socioespaciais do Brasil, pois “na produção de Clarice Lispector, seu exercício como cronista leva tratar da temática da realidade social, o que torna um desafio a ser enfrentado pela autora.” (BORGES, 2014, p. 12).

No próximo tópico teceremos considerações sobre a obra *A hora da estrela*, e sua importância dentro do movimento modernista brasileiro, e suas principais características, tendo em vista ser uma das obras mais representativas modernistas da autora.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE *A HORA DA ESTRELA*

A hora da estrela é um romance-novela de Clarice Lispector, escrito no ano de 1977. Considerado a obra prima da escritora modernista faz parte, hoje, do cânone literário brasileiro. A história narra a vida de uma migrante nordestina que sai do sertão de Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro. Se torna datilógrafa e sofre muitos reveses na vida. A história é narrada por um narrador-personagem, de nome Rodrigo S.M., que narra a história da personagem protagonista Macabéa, de forma um tanto quanto apática e, por vezes, rude.

Segundo Gancho (2005) a novela possui características diferentes dos romances tradicionais, visto que, apesar de as novelas apresentarem a mesma estrutura dos outros romances, possuem como característica primordial a menor duração. Com isso, tende a ser mais prazeroso ler, pois há menor tempo entre as mudanças dentro da narrativa. Desse modo, a principal diferença entre a novela e o romance comum se dá em termos de temporalidade. Já os personagens tendem, nesse caso, a serem menos em quantidade do que nos romances. Desse modo, não são características fechadas dos gêneros referidos.

Nessa perspectiva, *A hora da estrela* se configura em uma novela, uma vez que possui poucos personagens, tempo relativamente menor de leitura. Porém, como as obras de Clarice são difíceis de serem classificadas, essa obra em específico carrega em si elementos normalmente vistos em outros gêneros literários, como a prosa poética.

Em síntese, *A hora da estrela*, última obra publicada em vida da escritora Clarice Lispector, publicado em 1977, narra a história de uma moça nordestina que sai de sua terra natal, o sertão de Alagoas, e se torna datilógrafa no Rio de Janeiro. Em sua vida Macabéa, que é sempre referida como “a nordestina” pelo seu autor, que é um personagem escritor, de nome Rodrigo S.M., é um escritor frustrado com a sua vida e por isso resolve escrever uma história para passar o tempo.

Na narrativa existem além de Macabéa, alguns outros personagens, a saber: Olímpico, que também veio do sertão, mas da Paraíba, e se torna o namorado dela e a trata mal, e ainda a troca por sua colega de escritório de nome Glória, que é uma carioca da gema.

Durante a história Macabéa é sempre uma personagem alheia a sua existência, com pouco senso crítico acerca da sua condição de vida, pouco fala. Quem deixa transparecer a

personalidade de Macabéa é o personagem-escritor Rodrigo S.M., que às vezes se confunde com sua personagem.

A despeito de em toda a história Macabéa ter passado por problemas, ela, ao final da história, vai a uma cartomante chamada Madama Carlota, que lhe prenuncia um futuro brilhante, por isso ela acredita piamente que sua vida mudou. Embora ela saia da cartomante feliz como nunca, uma Mercedes Benz a atropela. Ela passa um tempo deitada na rua refletindo romanticamente sobre seu atropelamento, enquanto isso o narrador também reflete sobre o futuro da sua personagem, até que o narrador, de repente, noticia a morte de Macabéa. É o desfecho do destino da personagem.

Rodrigo S.M. não sabe como começar a história que resolveu contar “não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas.” (LISPECTOR, 1998, p. 19). Por estar em uma posição tão distante da realidade que a sua obra propõe representar, o narrador, que também é escritor sente, então, dificuldade para começar a sua história. Dessa forma, vai buscando maneiras de vislumbrar as características da personagem principal, pois como é difícil para o narrador saber escrever sobre alguém que viu somente uma vez e faz parte de uma realidade social diferente da sua:

Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho a contar parece fácil à mão de todos. Mas sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama (LISPECTOR, 1998, p. 19).

O narrador é um homem desnortado que se sente frustrado com sua vida, e seu único momento em que sente vivacidade é quando está escrevendo “[...] sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse sempre a novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias” (LISPECTOR, 1998, p. 21). Por isso, busca uma nova história para ocupar o seu tempo, mas como essa história tem inspiração na realidade pois assim tenta, desse modo, captar essas nuances dessa realidade alheia à sua. Embora com uma percepção à primeira vista. “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste.” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

Esse é um ponto importante na obra dado que, em geral, as narrativas já começam com alguma certeza do que está sendo contado. Em *A hora da estrela* o que vemos é, sobretudo, um

escritor-narrador confuso por, entre outras questões relativas ao ato de escrever, não ter uma ideia nítida do que contar. O narrador sabe, teoricamente, quem é a personagem principal do romance que está escrevendo, porém pouco sabe sobre ela, na verdade, e vai construindo a sua impressão sobre a personagem ao longo da narrativa, como se juntamente com o leitor o narrador fosse criando, no exato do tempo a personagem “quero acrescentar, à guisa de informações sobre a jovem e sobre mim, que vivemos exclusivamente no presente pois sempre e eternamente é o dia de hoje e o dia de amanhã será um hoje, a eternidade é o estado das coisas neste momento.” (LISPECTOR, 1998, p. 18).

Diante o exposto, o que percebemos é que a narrativa se desenrola, à revelia do que sabe o narrador sobre a sua criação. A história é contada porque assim ela é, impõe o narrador, uma vez que, para ele, o que se dispõe a contar sobre a vida de Macabéa “[...] são apenas fatos não trabalhados de matéria prima e que me atingem direto antes de eu pensar.” (LISPECTOR, 1998, p. 69). Dessa forma, constatamos que o que será escrito já está posto, já existe no mundo material. O narrador apenas inseriu o caráter literal nos seus escritos.

Segundo Almeida e Masuda (2017), no romance *A hora da estrela* estão presentes três tipos de temáticas que envolvem tanto a personagem principal, Macabéa, o narrador personagem Rodrigo S.M, assim como a própria forma como o texto está estruturado. Para eles, um dos temas é a questão própria de Macabéa, que é uma questão social que advém de questões mais profundas da sociedade brasileira, em termos de marginalização de classes sociais, e de origem regional. Acoplado a isso, a questão da mobilidade de uma região periférica para outra região privilegiada e densamente povoada, por motivos de necessidade que, por conseguinte, agregam o imigrante de forma precária e, por vezes, colocando-o em uma condição de subalternidade.

Outro tema que os críticos supracitados vislumbram na obra de Clarice Lispector é a questão do narrador-personagem Rodrigo S.M. que pode ser interpretado como uma forma que a autora do romance utilizou para exprimir suas ideias, refletir sobre si própria, sobre suas percepções pessoais e sobre a vida, em suma. Além disso, o narrador se sente com alguma parcela de culpa pelas mazelas sociais preponderantes no Brasil, por pertencer a uma classe média.

Um terceiro tema elencado por Almeida e Masuda (2017) é a respeito da dificuldade que o narrador encontra para que a narrativa de Macabéa faça algum sentido. Evidenciando, assim, o desafio que é, para o narrador, narrar acontecimentos na vida de uma personagem que está distante da sua realidade, social e culturalmente.

A forma como o narrador-personagem Rodrigo S.M. se relaciona com a personagem principal da sua narrativa, Macabéa, é bastante decisiva no que tange à diferença abismal entre a posição social do narrador, que é um escritor pertencente à classe média, e a sua criação/personagem, que é uma mulher pobre, migrante, que veio de uma região marginalizada e estigmatizada. Preconceito que existe, principalmente, devido as questões relacionadas às diferenças econômicas entre as regiões do Brasil. Com isso, Macabéa acaba sendo alheia com relação à sua condição social, ao seu existir no mundo. E esse alheamento é uma forma de se manter o *status quo* das diferenças entre as regiões brasileiras. Nessa perspectiva, Macabéa também representa, em certo sentido, uma região e não só uma personagem individualizada.

Ao narrar a vida dessa mulher, nordestina, Rodrigo S.M. expõe, e de propósito, e nesse sentido percebemos a crítica social que Lispector vislumbra, que é, como se sabe, a grande diferença entre pobres e ricos no Brasil. Destarte, embora Rodrigo S.M. faça parte da classe média, e como ele próprio diz: “Sou um homem que tem mais dinheiro que os que passam fome [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 18-19), ainda assim ele está em posição social superior em relação à Macabéa. Cortês (2017), ao refletir sobre como Macabéa é descrita por Rodrigo S.M. ressalta que:

Este é o caso de Macabéa, pois parte de um projeto que aponta exatamente para um sistema literário cuja pena está sob o comando de homens burgueses que, mesmo interessados pela temática da pobreza e da mulher, não conseguem tecer a palavra literária de outro lugar que não seja o da supremacia fálica e discursiva (CORTÊS, 2017, p. 176).

Assim sendo, o que se nota é, sobretudo, o desnudamento, nessa relação entre narrador e sua criação, a personagem, a visão preconceituosa e discriminatória em que a classe dos escritores representa a figura do nordestino na ficção, particularmente no modernismo. Se nos propusermos a analisar as obras modernistas iremos nos deparar com o nordestino sempre lidando com a pobreza e a convivência com a seca. Com isso, é espelhado, muitas vezes, como um personagem caricato. A respeito dessa problemática na representação dos nordestinos na literatura, Albuquerque Junior (2011) ressalta que “o Nordeste, na verdade, está em toda parte da região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como características do ser nordestino e do Nordeste.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 343).

No caso de Macabéa, há algo diferente, visto que ela é urbanizada, vivendo em plena década de 1970, época de intensa urbanização e industrialização. Portanto, a sua vida é contada tendo como pano de fundo a cidade grande. O narrador reflete sobre como essa sua personagem

está tão alheia ao mundo que a cerca, que a vê de forma preconceituosa e até mesmo inferior, pouco aproveitável, em termos de utilidade humana, pois ela habita “numa cidade toda feita contra ela.” (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Essa é uma evidência da crítica que Lispector faz com relação à questão de como o migrante, e particularmente o nordestino, era recebido nas metrópoles sudestinas em uma época de intensa migração, como a década de 1970 do século XX. Embora a narrativa esteja datada nessa década é perceptível que os mesmos problemas enfrentados por migrantes naquela época perpetuam-se na atualidade.

Podemos entender, também, se formos olhar para essa relação com uma visão mais próxima do que acontece na realidade, interpretar até mesmo o fato de que Clarice Lispector pode ter usado Rodrigo S.M. como forma de narrar a si própria. Desse modo, Clarice que se vê na figura de Macabéa, pois vemos um olhar terno com palavras de afeição “Maca” para Macabéa, por parte de Rodrigo S.M. em algumas ocasiões na narrativa, para a personagem, “Qual foi a verdade de *minha Maca*?” (LISPECTOR, 1998, p. 85, grifo nosso) como se a autora buscasse ver a si mesma nos comentários do narrador acerca da personagem. Em resumo, a autora refletida e representada em suas personagens.

Para conseguir escrever a história de Macabéa, Rodrigo S.M. teve de se transfigurar em uma condição social diferente da sua que, a despeito de sua condição também biológica, se parecesse com Macabéa. Dessa forma, o narrador simplesmente deixa de se cuidar. E nessa mesma linha de pensamento, percebemos uma crítica social: “Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina” (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Podemos perceber que a citação supracitada é uma crítica em relação de como a sociedade vê a pessoa em condição subalterna, em vulnerabilidade social. Na narrativa, Macabéa, é um exemplar de sujeito marginalizado dentro de uma sociedade de classes, alheia aos problemas enfrentados pelas classes sociais menos favorecidas.

Ademais, em um trecho da obra é narrada a condição da personagem de forma rude, tendo em vista que ela é pouco afeita a higiene pessoal da protagonista “Ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 59). Todas essas características que tiram o grau de dignidade da protagonista podem ser vistas como uma forma que Clarice Lispector encontrou de representar toda a ideia equivocada que a classe média, nessa narrativa representada por Rodrigo S.M., tem das pessoas marginalizadas pela sociedade, seja por motivos de preconceitos regionais, de classe social, uma vez que situa-

se em uma país extremamente estratificado em camadas populacionais com níveis alarmantes de diferenças, em termos de dignidade humana.

A dignidade que pode ser adquirida pelo acesso não só a materiais físicos e de subsistência, mas também culturais, pois podemos ver que Macabéa pouco tem de entretenimento e vaidades, por isso agarra-se ao que pode, como em “E tinha um luxo, além de uma vez por mês ir ao cinema: pintava de vermelho grosseiramente escarlata as unhas das mãos.” (LISPECTOR, 1998, p. 36).

Glória, colega de escritório de Macabéa, é também, na condição feminina, vista com algum estigma, pois como o intuito da escritora parece ser o de exemplificar em sua narrativa aspectos dos preconceitos que foram ao longo do tempo anexados ao escopo cultural brasileiro, a forma como Glória é descrita é, a nosso ver, também um indício de denúncia de um problema sociocultural atrelado ao universo feminino. Glória é representada de uma forma bastante diferente de Macabéa. É na verdade uma antônima de Macabéa. Glória é, podemos supor, a outra face de Macabéa, dado que possui qualidades físicas que o narrador não diz existir em Macabéa. Diferente de Olímpico que é adjetivado com características de força, garra, esperteza, Glória é adjetivada por características físicas.

Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico (LISPECTOR, 1998, p. 59).

Dessa forma, a obra *A hora da estrela* traz à tona aspectos sociais e culturais da sociedade brasileira, como a diferença entre classes sociais e entre as regiões do país. Quando enfocamos, a exemplo, a representação feminina de Macabéa, podemos encontrar diversas situações as quais ela está exposta que, de algum modo, denunciam, do jeito Lispectoriano, a condição a que as mulheres estão expostas em uma sociedade tão desigual, em termos também de gênero.

Consequente a isso, apesar de o romance ter sido escrito em 1977, ainda atualmente, caso atentemos para mirar ao redor, perceberemos tantas Macabéas por aí, sem a dignidade humana tal qual a personagem, e vivendo como se menos fossem, somente por ser de um gênero historicamente reprimido com a mordada cultural do machismo à la Brasil.

Nessa perspectiva, a narrativa de Clarice pode suscitar, mesmo nos dias atuais, no leitor, a reflexão sobre o lugar da mulher, em especial da mulher de classe social e de região menos

favorecida no Brasil, toda uma problemática que se arrasta por anos, e pouca mudança percebemos em relação à visão que se tem, do nordestino, em outras regiões do país.

Macabéa, a despeito de sua condição, e de sua inocência diante da realidade a que está, por vontade alheia inserida, consegue um namorado. Ele se chama Olímpico, e é um metalúrgico que veio do sertão da Paraíba, ao qual o narrador sugere ter tido a impressão de saber quem ele é somente por ter visto a sua face, e ressalta que ao ver a face, sem impor nada, já sabe quem é a pessoa (LISPECTOR, 1998).

Apesar de serem, a princípio de uma mesma classe social e condição na cidade grande, os dois são migrantes e estão em situação de desfavorecimento em relação, por exemplo, ao narrador Rodrigo S.M, esse de classe média, Olímpico não trata Macabéa bem, pelo contrário, a trata de forma rude: “– Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero.” (LISPECTOR, 1998, p. 60). Desse modo, percebemos na relação entre a protagonista e o seu namorado um nítido machismo, uma vez que Olímpico a todo tempo faz questão de afirmar sua suposta superioridade masculina, como em “– Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita.” (LISPECTOR, 1998, p. 50). A despeito de sua macheza, ele possui algo inusitado no comportamento:

Mas fraquejava em relação a enterros: às vezes ia, três vezes por semana a enterro de desconhecidos, cujos anúncios saíam nos jornais e sobretudo no O dia: e seus olhos ficavam cheios de lágrimas. Era uma fraqueza, mas quem não tem a sua. Semana em que não havia enterro, era semana vazia desse homem que, se era doido, sabia muito bem o que queria. De modo que não eradoido coisa alguma. (LISPECTOR, 1998, p. 57-58).

Diferente de Macabéa, Olímpico é um personagem que tem vontade própria, é seguro de si, e é descrito como alguém que “[...] fora criado por um padrasto que lhe ensinara o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher.” (LISPECTOR, 1998, p. 44). O fato de Olímpico possuir essas características em sua personalidade, faz com que pensemos a problemática da estruturação cultural machista, em debate na atualidade, como nesse caso percebemos essa mesma problemática sociocultural presente em um romance da década de 1970. Acerca dele é levantada, por Lispector, também a questão da violência como elemento participante da noção de masculinidade.

Mas ainda não expliquei bem Olímpico. Vinha do sertão da Paraíba e tinha uma resistência que provinha da paixão por sua terra braba e rachada pela seca. [...]. Nascera crestado e duro que nem galho seco de árvore ou pedra ao

sol. Era mais passível de salvação que Macabéa pois não fora à toa que matara um homem, desafeto seu, nos cafundós do sertão, o canivete comprido entrando mole-mole no fígado macio do sertanejo. Guardava disso segredo absoluto, o que lhe dava a força que um segredo dá. Olímpico era macho de briga (LISPECTOR, 1998, p. 57).

A identidade dos personagens de *A hora da estrela* é plural, porque Lispector buscou no romance a possibilidade de questionar a injustiça social mesmo que, de certa forma, velada e nas entrelinhas, expor as ideias preconcebidas que a sociedade tem sobre a identidade representativa de cada um dos personagens espelhados na narrativa. Para isso, a autora não mudou a escrita intimista característica, mas adaptou para a escrita de um romance de temáticas sensíveis na sociedade, como a migração, a diferença entre classes sociais e o regionalismo.

Dessa forma, a autora buscou retratar as diferenças sociais existentes no Brasil. Vejamos, pois, que Macabéa pode ser concebida à luz dos estudos de Nunes (1989) como um espelhamento da própria autora. Clarice se considerava nordestina, de fato, embora nascida na Ucrânia. Por esse prisma, é possível que a autora tenha usado de sua identidade regional própria para trabalhar aspectos dos personagens da narrativa, a exemplo de Rodrigo S.M. e Macabéa.

Suspendendo, pois, a sua máscara pública de ficcionista acreditada ao identificar-se com S.M. - *na verdade Clarice Lispector* – e por intermédio dele com a própria nordestina, Macabéa – a quem se acha colado o autor interposto -, Clarice Lispector fez-se igualmente personagem. E é ainda ela, Clarice Lispector, que dedica o livro [...]. (NUNES, 1989, p. 164, grifo do autor).

Rodrigo S.M. já é uma personagem com uma identidade diferente. Muito mais uma identidade, em termos socioeconômicos e culturais, do que uma identidade regionalista como a de Macabéa e Olímpico. Além disso, não possui características que sugiram moralidades, dado que ele “[...] não tem classe social definida; embora consciente não reage ao mundo reificado e administrado; e não tem ética, pois aceita ser financiado pela Coca-Cola.” (ARÊAS, 2005, p. 77).

Dos outros personagens da narrativa, temos Glória, que é uma mulher carioca de nascença que, para Olímpico é a sorte para pertencer a elite do país, a uma parte da sociedade brasileira que se vê de forma superior, principalmente com relação a pessoas de condição financeira menor, como ele próprio e Macabéa “Além de ter uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar [...]. O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país.” (LISPECTOR, 1998, p. 59). Daí se pode subter a questão do preconceito regional que, de certa forma, é ainda muito presente na sociedade brasileira, em que a região

mais a sul deteve, durante séculos, os meios de desenvolvimento, enquanto as regiões mais ao norte do país sempre estiveram subjugadas.

Um aspecto importante da protagonista é que Macabéa foi criada por uma tia, que a criou com modos ditatoriais, pois usava de violência para fazer com que Macabéa assimilasse os ensinamentos de como ser uma mulher de respeito, para que não se tornasse uma qualquer como as que estavam em situação de prostituição, que a sua tia avistava pela cidade (LISPECTOR, 1998). Consequentemente, com pouca abertura para alguma liberdade, afinal a personagem sequer “[...] nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável.” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Um dos aspectos presentes na obra em análise é justamente a questão da incomunicabilidade de Macabéa, uma vez que durante toda a narrativa o que percebemos é que o fato de que ela não consegue se comunicar por si própria. Dessa forma, quem escreve literalmente e figurativamente a sua vida, suas vontades, seus sentimentos mais íntimos é o narrador. Este onisciente em relação à personagem. Dado que alheia à sua vida, em um desconhecimento total de si, a protagonista “se tivesse a tolice de se perguntar, quem sou eu? cairia estatelada e em cheio no chão.” (LISPECTOR, 1998, p. 15). Essa visão de Macabéa expressa nessa citação é uma forma de explicitar o alheamento do indivíduo em relação à sua condição social e econômica. Corrobora, pois, a ideia de que Clarice, em seus escritos, também trata de questões de caráter social e não somente de teor intimista.

Macabéa vai a uma cartomante chamada de Madama Carlota, indicada por Glória, que lhe diz de um futuro no qual ela vai conhecer um homem, rico e estrangeiro. Ao sair da casa da madama, Macabéa se sente outra, faz planos de acordo com as previsões da cartomante, como se nascesse de novo, e talvez pela primeira vez na vida tivesse alguma alegria (LISPECTOR, 1998).

O final da história de Macabéa se dá de uma forma trágica. Depois de todas as previsões positivas para a sua vida, que a cartomante Madama Carlota enfatizou, Macabéa acaba por ser atropelada por um carro, que não era um carro qualquer, mas um Mercedes:

Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho. Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as previsões de Madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e

ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta (LISPECTOR, 1998, p. 79-80)

Embora Macabéa não tenha morrido nessa mesma hora, e o narrador relute em anunciar ou não a sua morte, cai em devaneios e monólogos interiores, a fim de adiar o anúncio, até que a resposta não demora e “Até tu, Brutus?! Sim, foi este o modo como eu quis anunciar que — que Macabéa morreu. Vencera o Príncipe das Trevas. Enfim a coroação.” (LISPECTOR, 1998, p. 85).

No próximo capítulo, discutiremos sobre a importância da Literatura para a sociedade, a influência da sociedade na Literatura e da literatura como espelho da sociedade; o ensino de Literatura, ressaltando a importância da contextualização do ensino literário para além do viés historicista; além das preconizações da BNCC para o ensino de literatura no ensino médio, ressaltando a importância dada pelo documento por uma formação do leitor literário com base humanizadora, interdisciplinar, diversa e inclusiva.

3 POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

No tópico seguinte, discutiremos sobre a forma como a literatura tem sido abordada na Educação, e de como uma visão reducionista da arte literária compromete a noção de literatura como produto das interações humanas, de escopo sociocultural. Na esteira dessas considerações, enfatizaremos o que dizem os principais críticos literários acerca dos textos literários. Para essas discussões, fundamentamo-nos em Candido (2006, 2011), Todorov (2009), Fontes (2018) e Souza (2021).

3.1 LITERATURA E ENSINO

A literatura é um importante meio de expressão, seja social ou individual. Pois, por meio da arte literária, o escritor-autor de uma obra pode desvendar assuntos pertinentes em debate na atualidade da sociedade. Pode, a exemplo, iluminar aspectos estruturais de uma sociedade que são nocivos ao bem comum dos cidadãos que, a despeito de ser nítido para todos os integrantes da sociedade a nocividade de tal comportamento, que pode ser preconceito, expressão linguística discriminatória, o que se nota é que quando esses assuntos são abordados em textos literários percebemos, então, uma importância maior a determinado tema trabalhado em uma obra literária.

Com relação ao que se pensa sobre Literatura, Candido (2011) explica que não pode ser concebida como algo que pode ser dado um juízo de valor, isto é, não se pode dizer se ela é boa, se é má. O que se pode dizer é que a literatura “[...] humaniza em sentido profundo, porque faz viver.” (CANDIDO, 2011, p. 178). Com isso, percebemos o caráter independente da literatura em relação às preconizações. É, então, uma disciplina que existe sem uma obrigação de ter uma linha reta do que versar e é, sobretudo, por isso, dinâmica e plural.

Segundo Todorov (2009) a ideia de literatura como disciplina de menor importância ou vista de uma forma distorcida e diminuta não fica restrita a um segmento ou outro da sociedade. Segundo o autor, esse preconceito está, de certa forma, presente em toda a sociedade, mesmo em lugares que não imaginaríamos que tivesse preconceito com relação a importância da Literatura para a sociedade, como os espaços educacionais e de imprensa, onde o contato com esse tipo de textos literários parece bem mais frequente do que em outras profissões. Daí se

nota a abrangência global do preconceito que se tem arraigado na sociedade de uma das artes literárias.

A concepção redutora da literatura não se manifesta apenas nas salas de aula ou nos cursos universitários; ela também está representada de forma abundante entre os jornalistas que resenham livros, e mesmo entre os próprios escritores. Devemos nos espantar? Todos esses críticos passaram pela escola, muitos deles também pelas faculdades de letras, onde aprenderam que a literatura fala apenas de si mesma e que a única maneira de honrá-la é valorizar o jogo de seus elementos constitutivos (TODOROV, 2009, p. 41-42).

Fontes (2018) reflete sobre o fato de que o ensino de Literatura nas escolas ainda é visto de forma aquém do que a literatura de fato representa, em termos de importância para a sociedade e na própria grade curricular das escolas, pois segundo a pesquisadora “É comum nas práticas docentes os alunos serem distanciados da Literatura, porque tudo é ensinado, menos o estudo literário. Assim, tornou-se corriqueiro ouvirmos que os alunos não gostam de ler literatura; clássico, então, nem pensar.” (FONTES, 2018, p. 45).

Para Candido (2011), a literatura é muito mais do que normalmente se supõe. Para ele, ela se distribui, por assim dizer, por vários segmentos humanos, e se insere desde como elemento relacionado ao contexto cultural até o contexto social. Diante disso, a literatura é vista pelo autor como “[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura [...]” (CANDIDO, 2011, p. 176).

Além disso, para o crítico literário supracitado, não faz tanta diferença se o texto literário faz parte da literatura popular ou da literatura mais erudita, trabalhos menos ou mais elaborados, ou complexos, uma vez que todas as pessoas estão, em algum grau, em contato com a arte literária, dado que “vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” (CANDIDO, 2011, p. 176).

A literatura, nessa perspectiva, não pode ser vista como algo que resume às questões estéticas, pois existem obras literárias como *A hora da estrela*, de Clarice Lispector que rompem essa barreira do apenas estético e adentram na área do social. Desse modo, se considerarmos o que diz Candido (2006) o social não pode ser visto como separado da construção de um romance ou novela que aborda temas sensíveis e caros à sociedade em que são veiculados. E por estarem inseridos em um contexto de cultura local, inevitavelmente vão carregar em si elementos culturais que são transmitidos, também, pelas vivências dos autores das obras.

Candido (2006) explica que a literatura é, também, uma forma de as pessoas expressarem os seus sentimentos em relação à sociedade. Desse modo, o autor ressalta a importância que a sociedade tem na influência exercida nos meios literários. Para o crítico literário, as ideias presentes na sociedade influenciam principalmente nas temáticas das obras, ao passo que na estrutura formal das obras o que mais influencia são as tendências em termos de comunicação. Embora, ressalte o autor, essas duas vertentes não são separadas entre si, pois o escritor as tem como unidade na hora de escrever uma obra.

A literatura cumpre um papel social importante, na medida em que denuncia mazelas sociais e, de certo modo, amplifica os debates em voga na sociedade. Desse modo, conceber literatura como apenas uma arte pura de fruição é diminuir a sua importância diante de outras disciplinas que são vistas como superiores, e que debatem problemas. Candido (2011) explica que:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática (CANDIDO, 2011, p. 177).

Fontes (2018) explica que a literatura está, também, ligada à questão de como a partir do contato com o que está sendo exposto nas narrativas, o homem apura a sua capacidade de crítica. Segundo a pesquisadora, quem lê não está apenas absorvendo passivamente as informações que são narradas, mas sim é protagonista na leitura, na perspectiva de que é quem lê quem interpreta à sua maneira o que lê, ou seja, que faz juízo de valor com relação ao que é narrado.

Outro ponto ressaltado por Fontes (2018) é o de que a realidade das escolas públicas brasileiras, mais precisamente do ensino médio, é o de que são frequentadas, na maioria, por alunos de classes sociais menos favorecidas e possuem, em consequência, poucas perspectivas de entrarem em cursos universitários, pois como salienta a pesquisadora “[...] eles estão mais propícios às necessidades de terem uma profissão [...]” (FONTES, 2018, p. 66).

Além disso, a pesquisadora supracitada traz à discussão um fato que é de conhecimento público sobre como tem se pensado a Educação brasileira na atualidade que é a questão do ensino voltado para o mercado, unicamente com uma visão empregatícia, para ela “essa realidade evidencia que teremos uma educação pública técnica no Brasil [...]” (FONTES, 2018, p. 66).

Fontes (2018) explica que o papel do professor de Literatura é, também, o de escolher com senso crítico os textos literários que serão utilizados nas aulas, sempre levando-se em conta, na visão da pesquisadora, a importância que tais textos possuem no que diz respeito à compreensão de que a leitura das obras literárias devem trazer ao estudante leitor uma interpretação própria do que está sendo lido, porém que essa interpretação se alargue a uma reflexão crítica sobre tal interpretação pessoal a fim de quebrar preconceitos na esfera social. Nessa perspectiva, a pesquisadora entende o professor de língua portuguesa e literatura como um mediador atuante.

Para Souza (2021), existem dois tipos de leitores os quais se diferenciam por terem atributos diferentes entre si. O primeiro que a estudiosa ressalta é o leitor que se espera que seja, isto é, o que em documentos oficiais de Educação se menciona que seja o que deve ser aspirado pelas escolas, que lê por livre vontade; e o segundo é o que está mais presente nas escolas, que é o que lê mais pela necessidade, pois há uma imposição, ou mesmo sugestão do que está em voga no momento. A estudiosa menciona, ainda, o fato de que o ambiente escolar é o espaço preponderante para a formação do leitor literário em sua plenitude. Dessa forma, entende a escola como a responsável maior pelo letramento literário dos estudantes.

No próximo tópico deste capítulo, discutiremos sobre a abordagem da BNCC para o ensino de Literatura no Ensino Médio, destacando a perspectiva atual da era globalizada e tecnológica, e de como o Ensino de Literatura deve ser abrangente e inclusivo. Para as discussões fundamentamo-nos na BNCC, Brasil (2018), Fontes (2018), Souza (2021) e Cosson (2021).

3.2 A BNCC E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

A BNCC surge, principalmente da necessidade que a Educação, no Brasil, tem de se equiparar o ensino entre todas as regiões do país, embora conservando o caráter sociocultural de cada localidade. Por meio desse documento, norteador da Educação básica no Brasil, secretarias de Educação e escolas de todo o país são orientadas a elaborarem os seus planos de ensino. Na área de Linguagens e suas metodologias – Língua Portuguesa, encontra-se a parte em que nos debruçaremos, que é a Literatura, especificamente a Literatura no Ensino Médio.

A importância desse documento (BNCC), na área de Linguagens e suas metodologias – Língua Portuguesa, norteador da Educação brasileira se dá, também, devido às necessidades que o contexto educacional brasileiro tem de se adaptar às novas vertentes de ensino de língua

e literatura, aos novos meios que os diversos gêneros literários são veiculados, sobretudo nos últimos tempos na esteira da popularização da *internet*. Isto porque a cada dia nascem novos gêneros textuais e literários, muitos frutos de hibridizações entre gêneros literários. A própria BNCC captou esse momento da literatura na contemporaneidade quando menciona:

Gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais (resenhas, vlogs e podcasts literários, culturais etc.) ou a formas de apropriação do texto literário, de produções cinematográficas e teatrais e de outras manifestações artísticas (remediações, paródias, estilizações, videominutos, fanfics, etc.) continuam a ser considerados associados a habilidades técnicas e estéticas mais refinadas. (BRASIL, 2018, p. 503).

A BNCC preconiza que o Ensino de Literatura deve ter como base uma diversidade de obras, que podem ser desde os livros cânones da literatura nacional, até aqueles que, mesmo antes da promulgação da BNCC, já constavam em alguns livros didáticos, embora relegados a segundo plano, na sombra das obras do cânone. Sendo assim, desse modo, com importância menor, subjugada, ou constando apenas a preceito de diversificação. Com isso a BNCC equipara a importância das obras. Nesse ponto, cabe ressaltar também o fato de que as produções audiovisuais são mencionadas na BNCC como forma de alargar o leque de possibilidades para a formação do leitor literário. A obra *A hora da estrela*, objeto de estudo deste trabalho, a exemplo, já foi adaptada para o cinema.

A BNCC ressalta a importância do ensino de Literatura de forma mais abrangente, em termos de temáticas envolvidas. Desse modo, o saber literário se constrói sem o tradicional historicismo das escolas literárias como norte para a análise das obras. O que o documento recomenda é que se use primariamente a leitura da obra literária para a partir dessa buscar-se debater aspectos estéticos, históricos e socioculturais presentes, e a qual escola literária pertence, seguindo suas características.

Em relação à **literatura**, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes (BRASIL, 2018, p. 499, grifo do autor).

A literatura também pode ser usada como um meio para denunciar problemas sociais, como diferenças de classes, preconceitos diversos, xenofobia etc. Os estudantes, nessa perspectiva, podem, ao lerem a obra literária, perceber que muitos dos reveses que os

personagens passam na narrativa, podem corresponder a experiências da vida real. Diante disso, podem se identificar com esse ou aquele personagem, ou mesmo situação específica dentro da história.

Ao contrário do que o senso comum costuma preconizar, a presença das ciências humanas e das artes literárias estarem presentes nas grades de conteúdos escolares é, antes de tudo, uma forma dos alunos entrarem em contato com o mundo artístico, o mundo em que são expressas diversas facetas do conhecimento humano, político, sociológico, filosófico. Dessa forma, usá-la como meio para expor elementos que advêm de outras esferas do conhecimento é, também, uma forma de apurar o senso crítico dos alunos.

A BNCC evidencia a importância do trabalho com as obras literárias regionais, ou que contenham elementos culturais e temáticas ligadas ao regionalismo, a exemplo de *A hora da estrela*, objeto de estudo deste trabalho. O documento preconiza que a importância dessas obras se dá, sobretudo, pela necessidade de os alunos terem uma formação literária que dialogue com as diferentes esferas do conhecimento sociocultural. Destarte, os alunos terão assim uma visão sobre as diferentes regiões do país, pois as obras de teor regionalista, em geral, espelham aspectos culturais, sociais e históricos das regiões.

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, **regionais** e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 491, grifo nosso).

Com isso, diante do que vemos na citação supracitada, os estudos dos aspectos dessas obras não ficam restritos às questões puramente estéticas, que advêm das escolas literárias, mas, sobretudo, debatem o mundo sociocultural em que as obras se inserem ou mesmo a sociedade em que os próprios alunos estão como participantes atuantes.

Um dos grandes problemas do ensino de Língua Portuguesa, e concomitante de Literatura, é justamente a questão da diferença que, em geral, se tem entre o que se aprende na teoria e o que se vê e se consegue na prática da profissão. É importante a combinação de teoria e prática para um bom processo de ensino-aprendizagem, porém, a nível de Brasil, o que temos é uma dificuldade extensa, em termos de aparatos pedagógicos e meios para se praticar o que as teorias recomendam. A respeito dessa questão Fontes (2018) pontua que:

Para tanto, formação em Letras é voltada para as teorias e práticas das disciplinas, além de proporcionar a compreensão sobre as diretrizes fornecidas pelos documentos oficiais. Porém, é na prática da docência que podemos analisar mais profundamente a dura realidade da efetivação desses papéis. Isso porque atrelar práticas à teoria demanda muito conhecimento, mas também meios para que seja possível. Além de, muitas vezes, os documentos não refletirem a realidade prática em sua teorização (FONTES, 2018, p. 10).

Souza (2021) ressalta que, na BNCC, a disciplina de Literatura além de aparecer dentro da área de Língua Portuguesa, aparece também dentro do quesito chamado de “arte”. Desse modo, a autora reflete sobre o porquê de em sala de aula a Literatura ainda é ensinada quase que unicamente pelo viés histórico. Para a estudiosa, esse é um dos motivos que os educadores têm dificuldade de ensinar a Literatura de forma mais abrangente, como sugere a própria BNCC.

De fato, se levarmos em conta o que reflete a pesquisadora supracitada, se formos analisar como está sendo veiculada, principalmente nos livros didáticos, a Literatura, veremos que o viés historicista vai aparecer em primeiro plano, mesmo que as recomendações tenham sempre sido outras. Consequentemente o que vemos é que o ensino do texto literário é, ainda, pautado por modelos carentes de contextualização. É comum no ensino médio estudar primeiro o contexto histórico das escolas literárias para somente depois partir para a análise de fragmentos de obras literárias que espelhariam as preconizações das escolas literárias.

Embora a BNCC preconize principalmente recomendações em termos de disciplinas e conteúdos a serem estudados durante a Educação Básica e, em nosso recorte de análise, a questão do ensino de Literatura, também percebemos o enfoque dado à questão humanizadora do ensino. É fato que a Educação, e englobado nessa ideia o ensino de Literatura deva ressaltar, dentre outros aspectos, o aspecto humano, uma vez que a ideia de ensino-aprendizagem não pode mais ser vista como apenas conteudista, uma Educação apenas voltada para o aluno passar nos exames vestibulares e concursos, mas sim uma Educação que paute pela transformação das vidas dos estudantes e da comunidade em seu entorno, que preze pelo senso de pertencimento a um todo que é a sociedade. Visto dessa forma, podemos compreender o letramento literário como também uma formação humana. Como ressalta Cosson (2021):

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2021, p. 17).

Nessa perspectiva, o ensino de literatura deve buscar enaltecer o senso de coletividade, sem com isso diminuir a individualidade de cada um. Buscar, sobretudo, ampliar o repertório de conhecimento por meio do contato com ideias diferentes e novas. Além disso, a formação literária pode ser propulsora de novas compreensões das obras literárias que são sempre abertas a impressões variadas, na esteira do conhecimento de mundo de cada um e do conhecimento coletivo da sociedade em que vivemos.

É também o que preconiza a BNCC (BRASIL, 2018) a respeito do campo da vida individual dos estudantes, quando enfatiza os aspectos relacionados aos jovens estudantes, evidenciando o caráter diverso da construção do conhecimento, e da “[...] ampliação do saber sobre si, tendo em vista as condições que cercam a vida contemporânea e as condições juvenis no Brasil e no mundo” (BRASIL, 2018, p. 502). Dessa forma, o conhecimento se torna uma construção de todos.

No próximo capítulo, exporemos uma proposta de letramento literário que agrega os conhecimentos teóricos sobre o modernismo, a obra *A hora da estrela*, e as diferentes abordagens temática que podem ser feitas de acordo com uma visão plural da formação do leitor de literatura em sala de aula no Ensino Médio.

4 PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO

Seguindo o que foi discutido nos capítulos anteriores sobre o modernismo no Brasil, Clarice Lispector, *A hora da estrela*, a BNCC e o Ensino de Literatura, acreditamos que seria proveitoso sugerir uma proposta de Letramento Literário para o terceiro ano do Ensino Médio que abarcasse o que foi exposto e discutido nos capítulos anteriores.

Nessa perspectiva, entendemos que deveríamos elaborar uma proposta de ensino de Literatura, tendo como objeto de estudo a obra *A hora da estrela*, que não fosse tão rígida e pautada no que consideramos um problema no ensino de literatura no Brasil, o historicismo.

Diante disso, surgiu a ideia de propormos uma proposta de Letramento literário baseada nas sugestões de Cosson (2021), ao que adaptamos aos nossos objetivos neste trabalho, uma vez que o que precisamos atualmente na abordagem do ensino de Literatura é “[...] vencer uma noção conteudista do ensino para compreender que, mais do que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada.” (COSSON, 2021, p. 23).

A nossa proposta de ensino de Literatura, tem como objeto de ensino-aprendizagem a obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, e está ancorada na proposta de Letramento Literário de Cosson (2021), chamada de sequência básica. Dessa forma, a proposta está dividida em Cinco fases: *Motivação, Introdução, Leitura, Interpretação e Avaliação*.

MOTIVAÇÃO (2 hora-aula)

Para a motivação dos alunos a fim de que se interessem pela obra *A hora da estrela*, sugerimos ao professor que, se possível, exiba em sala de aula vídeos e textos relacionados à temática da cultura nordestina e faça uma discussão sobre os vídeos assistidos e a cultura popular nordestina. A importância do uso de mídias digitais em sala de aula dar-se principalmente pela aproximação que os alunos têm desses meios digitais. Afinal “O sucesso inicial do leitor com a obra depende da boa motivação.” (COSSON, 2021, p. 54).

Primeiro momento: O professor pode exibir para a turma vídeos temáticos com relação à cultura poético-literária e musical nordestina. Elencamos dois vídeos que acreditamos serem relevantes para a nossa discussão sobre cultura nordestina. Os vídeos sugeridos poderão ser acompanhados pelo texto impresso ou digital. Dessa forma, o professor pode distribuir a letra da canção sugerida e o poema entre a turma para acompanharem a interpretação da música e a recitação do poema.

Vídeo temático I: Uma canção conhecida do repertório nacional, *Asa branca*¹, interpretada por Luiz Gonzaga, Fagner, Sivuca e Guadalupe, de autoria dos compositores: Luiz Gonzaga do Nascimento e Humberto Teixeira. Por meio desse vídeo musical, o professor poderá pedir aos alunos para acompanharem a interpretação da canção. O objetivo primordial dessa etapa é fazer com que os alunos adentrem na esfera social da migração expressa pela letra da canção, para posteriormente lerem a obra *A hora da estrela*, e perceberem a mesma temática envolvida na narrativa. É interessante que, após assistirem ao vídeo, o professor solicite aos alunos que leiam ou cantem a canção, por meio da letra da canção², impressa, ou digital nos *smartphones*. O vídeo está disponível na plataforma de vídeos *Youtube*.

Vídeo temático II: Um segundo vídeo que pode ser exibido para a turma, poderá ser um vídeo de Bráulio Bessa em que é recitado o poema “Eu prefiro a simplicidade”, disponível na plataforma de vídeos *Youtube*.³ No vídeo, o poeta cearense versa em forma de cordel sobre a identidade sertaneja, e compara as vivências do interior, do sertão rural, com a cidade grande, urbana. Enaltece a cultura e os modos de vida do sertão antigo. Acreditamos que essa é uma boa deixa para dialogar com a turma acerca do pertencimento cultural, e também histórico, uma vez que o poeta fala sobre um sertão mais ligado ao século XX do que o século em que vivemos.⁴ Dessa forma, é também uma maneira de a turma se inteirar de como era o sertão de Macabéa e de Olímpico, personagens da obra que será estudada. Cabe recordar que a obra *A hora da estrela* foi publicada em 1977, com isso é nítido que carrega elementos socioculturais daquela época em que havia uma distância ainda mais considerável em termos sociais e econômicos, entre as regiões do país.

Segundo momento: Após a turma assistir aos vídeos, o professor pode formar um círculo de leitura para que a turma possa discutir a temática da cultura literária nordestina. Cabe, portanto, nesse momento que o professor busque explicar os principais elementos culturais literários da cultura nordestina, assim como a sua inserção no cânone literário nacional e suas vertentes temáticas mais presentes nos vídeos e nos textos elencados.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zsFSHg2hxbc>. Acesso em: 14 jul. 2022.

² Disponível em: <https://www.kboing.com.br/luiz-gonzaga/asa-branca/>. Acesso em: 14 de jul. 2022.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H8uT8sMQEsM>, acesso em 14 jul. 2022.

⁴ Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/braulio-bessa-prefiro-a-simplicidade/>. Acesso em: 14 jul. 2022.

Terceiro momento: Por último nessa etapa, o professor solicitará aos alunos que, em casa, pesquisem na internet sobre Clarice Lispector para, em um encontro posterior, discutirem aspectos temáticos em relação à escrita da autora e sua inserção no movimento literário modernista. Isso é importante devido à importância de se relacionar a obra ao contexto histórico-literário em que foi escrita e a utilização dos meios de informação digitais, como *sites, blogs*, redes sociais para obter informações acerca de obras literárias, movimentos literários.

Entendemos que a *internet* não pode ficar à parte no ensino, por estar, atualmente, tão presente na vida das pessoas, é imprescindível relacioná-la à busca de conhecimento. Com isso, torna-se elemento importante dentro do arcabouço material em que se constrói o conhecimento.

INTRODUÇÃO (2 horas-aula)

Nessa etapa é interessante que o professor demonstre aos alunos o que foi o movimento literário modernista, quem foi Clarice Lispector, a sua escrita dentro do modernismo, e a obra em estudo *A hora da estrela*, ressaltando importância desses estudos para a melhor compreensão dos aspectos a serem trabalhados dentro da narrativa ao longo das aulas.

Primeiro momento: O docente solicita aos alunos que formem um círculo na sala de aula para debaterem aspectos relacionados ao movimento literário modernista e à própria autora em estudo, Clarice Lispector. É importante nesse momento que o professor circule entre a turma um exemplar da obra *A hora da estrela*, para que os alunos possam ver aspectos relacionados à capa do livro, à espessura do objeto, e possam folhear a obra, como forma de perceberem as nuances do objeto livro. Após isso, o professor pode expor aos alunos as seguintes indagações pertinentes para introduzir o tema das aulas:

1. O que foi o modernismo brasileiro?

Com as respostas dos alunos, o professor poderá explicar o contexto histórico do modernismo, os seus principais expoentes, as fases modernistas. Aspectos, sobretudo, ligados à escola literária em si.

2. Quem foi Clarice Lispector? Já ouviram falar dessa autora? E nas redes sociais já viram alguma postagem relacionada a ela?

Com as respostas recebidas, o professor pode explicitar quem foi Clarice Lispector e, se possível, por meio de *slides*, apresentar a biografia da autora, suas principais obras, suas tendências em questão de escrita intimista dentro do modernismo.

3. E a obra *A hora da estrela*, já leram? já ouviram falar? Já viram alguma menção na internet a respeito dessa obra?

Caso alguém responda que sim, já leu. O professor pode perguntar:

a) Quais as suas impressões sobre a obra?

b) Sobre o que foi discutido sobre o modernismo no encontro anterior, em que fase acham que se encaixa a obra *A hora da estrela*?

Essas indagações podem ser repetidas no encontro posterior, quando a obra em si estiver sendo discutida pela turma.

Ao final dessa sondagem, o professor poderá explicar o contexto histórico em que a obra foi escrita, a sua importância dentro do cânone literário nacional, as formas pelas quais a obra pode ser interpretada. Evidenciando o caráter intimista da obra, e de como destoava do que se esperava da autora a crítica literária da época. Uma vez que se percebe no romance um trato especial à questão social.

Segundo momento: Sugerimos ainda que, nessa etapa, o professor, se possível, em atividade extraclasse, solicite aos alunos que assistam a uma entrevista⁵ da escritora Clarice Lispector dada ao programa Panorama na TV Cultura, no ano de 1977, disponível no canal da emissora de televisão, na plataforma de vídeos *Youtube*. Por meio dessa entrevista da autora, os alunos se inteirarão de como a escritora construiu a sua narrativa em *A hora da estrela*, assim como foram surgindo as ideias de personagens do romance-novela, obra última em vida, e mais famosa da autora.

Terceiro momento: Ao final dessa etapa, o professor pode solicitar aos alunos que leiam a obra *A hora da estrela*, na íntegra, em casa, e anotem as passagens que mais chamaram a atenção dentro da narrativa. Desse modo, no encontro posterior, da fase da *Leitura*, os alunos terão já um conhecimento prévio da obra que poderá ser analisada, em destaques.

LEITURA (2 horas-aula)

O encontro relacionado ao ato da *Leitura* pode, na nossa ótica, ser dividido em dois momentos distintos, que objetivam que a obra seja lida, ao menos em parte, por ser um romance,

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>. Acesso em: 14 jul. 2022.

em sala de aula. Justamente pelo fato de o romance ser extenso, faz-se necessário recortes a fim de que a leitura em sala de aula seja proveitosa e acompanhada por todos. Isso não significa que a obra na íntegra não possa ser apreciada. Na nossa concepção, ao menos em atividade extraclasse essa leitura completa na íntegra deve ser incentivada e acompanhada pelo docente.

Primeiro momento: O professor poderá pedir para que os alunos destaquem as passagens nas quais entenderam ser mais relevantes na obra. Diante disso, pode introduzir um debate sobre essas passagens elencadas pelos alunos. Esse momento é importante, sobretudo, pela oportunidade que os alunos têm de oralizar as suas observações sobre a obra que leram. Além disso, é a partir das observações dos alunos que o professor terá uma visão mais aprofundada se os alunos leram a obra mesmo e quais observações pertinentes vão advir dessas observações.

Segundo momento: Em um segundo momento dessa etapa, o professor poderá selecionar, a seu critério, um trecho da obra e solicitar aos alunos uma leitura, em voz alta, coletiva e, se possível, em círculo.

É importante que todos participem da leitura, inclusive o professor, ou mesmo outros membros da escola que possam participar, pois o objetivo mesmo é a leitura compartilhada. Dessa maneira, os alunos terão contato com o texto na íntegra, tanto na leitura pessoal, em casa, quanto na leitura coletiva, em sala de aula. E a questão da leitura em voz alta faz com que a oralidade seja trabalhada de forma contextualizada.

INTERPRETAÇÃO (2 horas-aula)

Para a fase de interpretação, sugerimos ao professor que selecione passagens da obra que podem ser trabalhadas pela perspectiva da temática. Desse modo, pode-se trabalhar diferentes aspectos da obra, uma vez que *A hora da estrela* comporta uma pluralidade de temas que são expostos durante a narrativa. Sugerimos que sejam trabalhados trechos da obra com os respectivos temas que acreditamos sejam relevantes de serem discutidos em sala de aula.

Essa fase pode ser dividida em dois momentos específicos. O primeiro momento poderá trabalhar aspectos temáticos relacionados aos elementos estéticos da narrativa, isto é, que diz respeito à narrativa. O segundo momento pode ir além e discutir os aspectos sociais, históricos e culturais que estão presentes dentro da obra *A hora da Estrela*. Dessa forma, entendemos que são abarcados temas tanto do estilo literário utilizado na narrativa, como das questões mais ligadas ao contexto histórico-literário.

Primeiro momento: Nesse primeiro momento, o docente poderá elencar os seguintes temas com as respectivas passagens da obra que espelham os elementos da forma da narrativa. Os temas são: Metalinguagem, Regionalismo.

A) Metalinguagem

Os aspectos estéticos das obras literárias modernistas possuem características semelhantes, em alguns casos. Diante disso, é importante que o professor busque ressaltar essas características presentes ao longo da narrativa.

É claro que, como todo escritor, tenho a tentação de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação, já que palavra é ação, concordais? Mas não vou enfeitar a palavra, pois se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro – e a jovem poderia mordê-lo, morrendo de fome. Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência (LISPECTOR, 1998, p. 14-15).

Tudo isso, sim, a história é história. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a palavra é fruto da palavra. A palavra tem que se parecer com a palavra. Atingi-la é o meu primeiro dever para comigo. E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela. Bem, é verdade que também queria alcançar uma sensação fina e que esse finíssimo não se quebrasse em linha perpétua. (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Após a leitura desses trechos do romance, o professor poderá indagar aos alunos:

1. O que é a metalinguagem?
2. Por que esse trecho nos remete à metalinguagem?

Após as respostas dos alunos, o professor pode explicar-lhes os aspectos poéticos presentes nesse trecho, e como que se remetem ao modernismo. Além disso, também pode explicar que a partir dessa análise, podemos entender como os escritores modernistas usavam a linguagem como forma de criação artística, e não só utilitarista. Além disso, demonstrar a importância da metalinguagem em textos narrativos poéticos, como de Clarice Lispector.

B) Regionalismo

É importante, dentro dos estudos literários, analisar aspectos dos movimentos literários que influenciam nas narrativas, desse modo, o professor poderá destacar, para análise em sala de aula, os seguintes trechos de *A hora da estrela*, que fazem referência ao regionalismo, que foi predominante nos romances modernistas, os quais trataram da questão da discriminação entre regiões do país. Sugerimos os seguintes trechos da obra em análise:

Ela que devia ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: “desiguinar” (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida (LISPECTOR, 1998, p. 28).

O professor pode fazer uma sondagem com a turma a respeito dos elementos regionalistas que podem ter encontrado durante a leitura desses trechos da obra, como vocábulos ou expressões regionais *etc.*

1. Quais palavras denotam o sentido de região? E qual região específica?
2. O que entendem por Literatura regionalista?
3. E literatura engajada?

Em tempos de popularização das mídias digitais, faz-se possível perguntar-lhes sobre: O que entendem por engajamento? Já leram sobre isso nas redes sociais? Já se engajaram em alguma causa? Seguem algum escritor nas redes sociais que escrevem sobre questões sociais?

Após ouvir as respostas dos alunos, o professor pode explicar a presença da referência ao sertão dentro da narrativa, como uma herança dos romances de 30, nos quais eram comuns serem ambientados no regionalismo, sobretudo do Nordeste e com questões relacionadas a seca e as migrações.

Desse modo, os alunos podem inteirar-se desse aspecto do movimento literário modernista de uma forma em que não se baseia apenas na historicidade dos livros escolares, mas pela observação e análise conjunta entre professor e alunos das temáticas presentes no romance *A hora da estrela* diretamente da fonte, do texto na íntegra, ou mesmo em trechos específicos.

Segundo momento: Num segundo momento dessa etapa, é o momento de trabalhar com a turma a compreensão de elementos extratextuais que estão presentes nas entrelinhas da narrativa. Com isso, o professor poderá elencar os seguintes temas que dialogam com a narrativa, e são constitutivos da parte extralinguística da obra, que são: Identidade e Silenciamento.

Ressaltamos que as temáticas na obra *A hora da estrela* são variadas, dessa forma, o professor poderá fazer o recorte temático que melhor se adeque a sua turma e ao trabalho com o Letramento literário, não ficando restrito aos temas aqui elencados.

C) Identidade

A temática da identidade, como já ressaltado, no primeiro capítulo deste trabalho, é uma constante em *A hora da estrela*. Diante dessa constatação, entendemos que esta seja uma temática importante de ser trabalhada com as turmas do terceiro ano do Ensino Médio, justamente por já estarem os alunos com o senso crítico apurado. Aliada a essa questão o fato de estarem imersos em debates contemporâneos sobre questões identitárias, sobretudo nas redes sociais.

Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso [...]. O que é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida (LISPECTOR, 1998, p. 13).

Para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado, pois faz calor neste cubículo onde me tranquei e de onde tenho a veleidade de querer ver o mundo. Também tive que me abster de sexo e de futebol. Sem falar que não entro em contacto com ninguém (LISPECTOR, 1998, p. 22-23).

Por enquanto quero andar nu e em farrapos, quero experimentar pelo menos uma vez a falta de gosto que dizem ter a hóstia. Comer a hóstia será sentir o inosso do mundo e banhar-se no não. Isso será coragem minha, a de abandonar os sentimentos antigos já confortáveis. Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. Sabendo no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente às sociedades que muito reclamam de quem está neste instante mesmo batendo à máquina (LISPECTOR, 1998, p. 19-20).

Com relação às citações supracitadas, o professor poderá fazer perguntas aos alunos a fim de saber qual foi a compreensão da turma em relação à visão que o narrador tem sobre a personagem Macabéa. Qual a impressão, em termos de preconceitos, que a turma teve da forma como ela é narrada. Algumas perguntas podem ser:

1. Por que o narrador vê Macabéa de uma forma preconceituosa?
2. Já ouviram falar sobre o preconceito regional?
3. E contra imigrantes, já leram alguma notícia sobre xenofobia?

4. A história de Macabéa se passa na década de 1970, mas nos dias de hoje vocês acreditam que esse preconceito com relação a pessoas do Nordeste ainda existe?

5. Vocês já sofreram algum preconceito por ser de uma região específica?

D) Silenciamento

A temática do silenciamento, presente em *A hora da estrela*, pode ser interpretada conjuntamente pelo professor e pelos alunos, por dois prismas: o silenciamento feminino da personagem Macabéa e o silenciamento do sujeito em condição de subalternidade.

A importância de se trabalhar essa temática com os alunos acontece devido a necessidade de se estudar a literatura de forma que abranja os meandros pelos quais a narrativa está inserida. Neste caso, a questão do silenciamento pode ser trabalhado, em sala de aula, pelas seguintes passagens da obra de Lispector:

Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável. Mas uma coisa descobriu inquieta: já não sabia mais ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor. E, se pensava melhor, dir-se-ia que havia brotado da terra do sertão em cogumelo logo mofado. Ela falava, sim, mas era extremamente muda. Uma palavra dela eu às vezes consigo mas ela me foge por entre os dedos (LISPECTOR, 1998, p. 29).

– “Mas puxa vida! Você não abre o bico e nem tem assunto!

Então aflita ela lhe disse:

– Olhe, o Imperador Carlos Magno era chamado na terra dele de Carolus! E você sabia que a mosca voa depressa que se voasse em linha reta ela ia passar pelo mundo todo em 28 dias?

– Isso é mentira!

– Não é não, juro pela minha alma pura que aprendi isso na Rádio Relógio!

– Pois não acredito.

– Quero cair morta neste instante se estou mentindo. Quero que meu pai e minha mãe fiquem no inferno, se estou lhe enganando.

– Vai ver que cai mesmo morta. Escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?

– Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê? Quer dizer não sei bem quem eu sou.

– Mas você sabe que se chama Macabéa, pelo menos isso?

– É verdade. Mas não sei o que está dentro de meu nome. Só sei que eu nunca fui importante...” (LISPECTOR, 1998, p. 56).

Com base nesses trechos da obra, para que os alunos percebam, o professor poderá explicar que a forma como Macabéa é posicionada dentro da narrativa é um indício de que ela não tem voz. E quando, nesse caso dessas passagens, ela busca comunicar algo, logo é censurada, pois o que ela diz não tem nexos nem significado. Diante disso, algumas perguntas podem ser feitas aos alunos:

1. Por que acham que Macabéa não consegue se comunicar?

2. Por a personagem ser mulher, a questão de ser narrada como uma mulher que não consegue se comunicar e quando consegue é ridicularizada, diz algo sobre nossa sociedade patriarcal?

3. E o fato de que quase sempre é o narrador quem fala por Macabéa, diz algo ainda sobre a condição subalterna da personagem protagonista? Por quê?

Perguntas como essas fazem com que os alunos reflitam sobre o papel da Literatura na sociedade, de espelhar situações recorrentes e de denunciar preconceitos de diversas vertentes. Contribui assim, pela consciência social dos alunos acerca dos temas dentro das narrativas, particularmente dentro das obras literárias modernistas, nesta proposta representada por *A hora da estrela*.

AVALIAÇÃO

A avaliação dos conhecimentos construídos durante as aulas se dará de forma contínua. Dessa forma, será avaliada a participação dos alunos nas atividades propostas, tanto nas atividades em sala de aula, como nas atividades extraclasse. Essa avaliação é significativa por resultar em um processo reflexivo sobre o texto literário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Literatura tendo unicamente o viés historicista é um dos gargalos para uma formação leitora eficiente, sobretudo no Ensino Médio. Diante disso, se faz necessário novas abordagens que levem em conta os aspectos socioculturais dos estudos literários e que não se pautem apenas pelo estilo formal dos textos, mas que caminhe para além do dito, para as entrelinhas.

Acreditamos que esse problema do ensino literário descontextualizado pode ser amenizado por diferentes trabalhos que discutam a abordagem do texto literário em sala de aula. Estes podem agregar mais conhecimento a respeito do que esperamos de um ensino de Literatura e formação leitora que, além de analisar os aspectos puramente estéticos das obras literárias, também estejam incluídas nas discussões sobre temáticas sociais, culturais, históricas e filosóficas envolvidas.

Os nossos objetivos neste trabalho foram atingidos, na medida em que durante as nossas discussões, tanto sobre as temáticas envolvidas na narrativa, como na análise formal da obra, construímos conhecimentos aos quais nos ajudaram para, ao final, elaborar uma proposta didática a fim de contribuir com o ensino de Literatura. Nessa perspectiva, o que nos guiou foi a busca por um letramento literário eficiente.

A nossa proposta de Letramento literário foi justamente a junção de teoria e prática. Desse modo, teoricamente discutimos sobre a Literatura e os contextos socioculturais em que se insere e posteriormente, refletimos sobre como esse ensino de literatura, utilizando-se como objeto de ensino-aprendizagem a obra *A hora da estrela*, poderá ser posto em prática em sala de aula, levando-se em conta que estamos em plena era da *internet*.

Por conseguinte, aliar o mundo digital à nossa proposta foi uma forma de inclusão desse mundo virtual pleno de possibilidades que é a internet, habitado massivamente pelos alunos, como aparato tecnológico para amplificar as fontes de construção do conhecimento. Com isso, utilizando-se dos recursos dessa ferramenta, nos dias atuais, é imprescindível para a construção coletiva, diversa e inclusiva do conhecimento.

O Letramento literário se faz urgente para um ensino-aprendizado de Literatura da forma como a sociedade necessita, que conscientize. Que a Literatura nas suas diversas formas de expressão não seja vista apenas como mais uma disciplina nos currículos escolares, mas sim uma forma de arte que humaniza as pessoas, que desperta o pensar, refletir sobre a sociedade em que vivemos. Um ensino literário que aponte caminhos para a melhoria do mundo em que vivemos, por intermédio da arte na sua expressão literária.

Ansiamos que em relação ao nosso objeto de estudo *A hora da estrela*, outros futuros trabalhos sejam produzidos, pois há muito a se discutir sobre esta relevante obra literária escrita por uma escritora nascida na Ucrânia, mas que se considerava brasileira, nordestina. Embora suas obras sejam datadas do século XX, ainda na atualidade despontam como grandes aliadas na problematização das mazelas sociais presentes no Brasil do século XXI. Por fim, esperamos que este trabalho contribua para a melhoria do ensino de Literatura, e este seja com bases humanistas. Entendemos que o conhecimento se constrói aos poucos e com diferentes visões de mundo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste**. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ALENCAR, Adilma Secundo. **Fabiano e Macabéa: a reinvenção dos sertanejos nordestinos em Vidas Secas e A hora da estrela**. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-05062020-145057/publico/2020_AdilmaSecundoAlencar_VCorr.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

ALMEIDA, Rogério; MASUDA, Fábio Takao. A Hora da Estrela entre a ficção e a realidade: ou o trágico em Macabéa. **Intelligere, Revista de História Intelectual**. São Paulo, v. 3, n. 1 [4], p. 31-41. 2017. ISSN 2447-9020.

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BORGES, Tania Cristina Souza. **“A culpa é minha” ou “A hora da estrela”?: uma análise do romance A hora da estrela de Clarice Lispector**. 2014. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-03112014-150447/pt-br.php>. Acesso em: 12 mar. 2022.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In.: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In.: CANDIDO, Antonio (org.). **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CORTÊS, Cristiane Felipe Ribeiro de Araujo. **As pontas de uma estrela:** poéticas do silêncio em Macabéa e Ponciá. 2017. 210 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/LETRATBPKJ/1/tese_cristiane_felipe_ribeiro_de_araujo_c_rtes.pdf Acesso em: 12 mar. 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

FONTES, Natália Soares. **A Literatura na base Nacional Comum Curricular:** O ensino literário e a humanização do indivíduo. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2018. Disponível em: <https://ppgecpn.ufms.br/files/2019/02/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Nathalia-Soares-Fontes.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Christina Torres. **Uma ideia de prosa em A hora da estrela. Ensaio. Bordas. Testemunho.** 2014. 178 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-11122014-192553/publico/2014_CristinaTorresGomes_VOrig.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOSER, Benjamin. **Clarice.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem:** Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

SOUZA, Samanta Barreto Matos de. **Ensino de Literatura no Ensino Médio:** A formação do leitor ideal a partir do real. 2021. 205 f. Tese (Doutorado em Literatura e Crítica Literária). Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2021. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/25786/1/Samanta%20Barreto%20Matos%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 2. ed. Trad.: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.